

REVISTA SUL-AMERICANA

BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA --- SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Publicada pelo Centro Bibliographico Vulgarizador

RIO de Janeiro—Assignatura annual para todo o Brazil 5\$000

Para os paizes estrangeiros: gratis ás associações e publicações congeneres. Assignatura por anno 12 francos (união postal). São nossos correspondentes na Europa: em Lisboa, Antonio Maria Pereira; em Paris, Guillard, Aillaud & C.; em Londres, Dulau & C.; na Italia, Fratelli Bocca; na Allemanha, G. Herder,

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao gerente do Centro Bibliographico, rua Gonçalves Dias 41.

SUMMARIO.—I O martyrio de Tobias Barreto, por **Sylvio Romero**.—II Ultimas publicações, por **João Ribeiro**.—III Tobias Barreto (o poeta), por **Myrtillus**.—IV Poesias, por **João Ribeiro**.—V Da educação, por **Herbert Spencer**.—VI **Bibliographia Brasileira**.

O martyrio de Tobias Barreto.

Carta ao Commendador Carlos Gomes, em appello a elle e á imprensa.

Maestro,

A quatro para cinco annos, na cidade do Recife, vós fostes recebido festivamente por Tobias Barreto de Menezes, quando alli tiuheis ido dirigir a representação de uma de vossas operas. Em versos, discursos e artigos, aquelle poderoso espirito significou-vos, desinteressada e altivamente, a expressão de seu enthusiasmo pelo vosso nome, pelo vosso talento, pela vossa gloria. Era o genio da poesia, da eloquencia e da critica que saudava o genio da musica. E as duas aguias trocaram beijos, os dous leões se abraçaram!

Vós o chamaveis sempre de *irmão*, quando o encontraveis, segundo é fama conservada pela tradição.

Pois bem; aquelle a quem destes o amplexo da fraternidade e collocastes alto em vosso coração, reconhecido e generoso, acaba de encerrar sua attribulada carreira, cheia de tropeços na vida e de amarguras na morte.

Vós continuaes ainda o caminho atravez da existencia. Dilatado vos seja elle; rebentem-se-vos flôres de sob os pés; é o que sinceramente, ardentemente vos deseja o minimo de vossos admiradores, o ignorado signatario destas linhas.

Para vos fazer um appello em favor da viuva e dos nove filhos menores de Tobias Barreto, viuva e filhos rojados hoje na mais inteira penuria, é que me dirijo a vós.

Que differença entre a fortuna de vós ambos, entre a estrella, do musico e a do critico! Permitti que vol-a recorde para justificar o meu pedido.

Nascidos ambos no anno de 1839, vós sois filho do opulento sul, e elle o foi depauperado do norte; vós da prestimosa e rica S. Paulo e elle da obscura e pequenina Sergipe.

A esta circumstancia, já de si infelizmente demasiado significativa, n'um paiz viciosamente organizado como o nosso, juntou-se a differença dos temperamentos dos dois, das indoles espirituaes de ambos. Vós vos deixastes fascinar pelos divinos olhos da musa da melodia, o idolo do seculo; e elle, o proletario do norte, teve a ingenuidade, a triste simpleza de enganar-se com as illusões da poesia, refractarias ao prosaismo petrificado de nosso pacatismo burguez, e, o que acabou por perdê-lo de vez, cahiu na loucura de tentar a critica dos desacertos intellectuaes e politicos d'um paiz ainda não adequado a certa indole de especulações desinteressadas!..

D'ahi por diante o abysmo se tornou mais profundo, a distancia mais interminavelmente alongada entre o vosso destino e o d'elle.

Vossa estrella avolumou-se no horizonte, galgou o firmamento da Europa, e d'alli despediu esses brilhos, que, illuminando o ceu da patria, destacaram aureolado de immorredora gloria o vosso nome

Todos aqui vos applaudem; os soberanos, os principes, os grandes, os magnatas vos respeitam e este respeito é justo, porque é cimentado cá em baixo pela estima que vos consagra o povo.

Gosai, illustre brasileiro, genial maestro, das merecidas acclamações de vossos patrios; vós sois hoje o filho d'este paiz que pisa mais alto na região da fama.

Vós o mereceis e é quanto basta.

E, todavia, quão diverso foi o destino do poeta dos *Dias e Noites*, do critico dos *Estudos Allemães*, do jurista dos *Menores e Loucos*, do pensador das *Questões Vigentes*!..

Ai! por Deos, elle merecia tambem muito desta patria, para quem foi tão prodigo de cantos entusiasticos nas horas supremas das agonias publicas, e de quem nada recebeu em vida e talvez nada venha a receber na morte, si vós, maestro amigo, e outros que como vós têm força e prestigio, não vierdes em prol da viuva e dos filhos desamparados do pobre sonhador.

Aberta a sua vida de espinhos, desde 1862 no Recife, d'onde jámais poudesahir, chumbado ao solo, como o servo da gleba de seu dever, de seus afans, de suas pe-

nosas luctas, a estrada foi-lhe sempre escabrosa e rudissima.

Por vossa longa residencia na doce Italia, onde as justas do espirito têm algo da suavidade das cavatinas dolentes, talvez não saibais, maestro, dos quasi invenciveis impecilios que a rudeza de nossa indole oppõe ainda hoje a todos os esforçados que se batem entre nós em nome da verdade estricta. Não, vós não podeis saber do assedio titanico que nos é opposto pela ignorancia de uns, pela inveja de outros, pela maldade de grande numero.

Tobias Barreto foi fustigado constantemente, desapiedadamente pelo triplice inimigo durante os trinta annos ultimos de sua vida, dos quaes os quatro finaes foram repletos de acerbissimos soffrimentos physicos e moraes.

Não é este o logar proprio para vos referir esses duros penares. Basta que vos affirme que nem no leito derradeiro elle foi poupado.

A sua taça de dôres foi grande e o destino cruel a encheu bem cheia até ao fim. O martyrio do poeta e pensador foi fundo e implacavel, e este inferno durou por quatro annos...

A crueza dos soffrimentos physicos, a certeza da morte irremediavel e proxima, a falta completa de meios pecuniarios, a visão dolorosissima da miseria futura da esposa e dos filhos, devastaram minuto a minuto o coração do inditoso escriptor. Eram de indole a abrandar a crueldade de feras, e só não poderam amolentar a dureza dos inimigos!

Sobre as suas atribulações, nova fonte de soffrimentos, atiraram elles até á ultima as brazas incandescentes de seus insultos.

Não é phantasia, maestro; existem os documentos de tudo

Poucos mezes antes do passamento de Tobias, ainda lentes da faculdade, advogados e litteratos do Recife o descompunham anonymamente na imprensa com uma fereza de canibae. Até medicos houve que, para o aterrorisar, vinham no meio de insolencias diagnosticar-lhe molestias temerosas e prognosticar-lhe o passamento imminente.

E' assim que a 7 de dezembro do anno passado, um d'elles publicava gentilezas d'estas n'um dos jornaes de Pernambuco:

« Si aos olhos de um leigo é de toda a evidencia o mal que o persegue e que lhe atenua, não faz desapparecer, a imputação, *com maior clareza se apresenta a mim que tenho acompanhado pari passu, de visu atque auditu, a decomposição de seu organismo.* » Isto era escripto poucos mezes antes da morte do escriptor sergipano, e parece que no intuito de apressar a *referida decomposição de seu organismo!*....

Não é tudo: outros havia que, para saborear mais exquisita maldade, no tempo em que alguns poucos amigos dedicados do infortunado moribundo, queriam promover uma subscrição para habilitar-o a uma viagem até á esta côrte, divertiam-se em passar telegrammas, dando-o já por fallecido!... Eu li algumas destas falsas noticias, e o proprio Tobias em carta de 19 de fevereiro d'este anno me falava n'estas infamias: « Devo prevenil-o de uma cousa: si lhe mandarem alguma noticia ou telegramma dando-me *como morto* não aceite logo. Ha por aqui gente encarregada de *espalhar noticias falsas n'este sentido, a fim não só de incommodar-me, como de dificultar a arrecadação das subscrições.* » Eis ahi!

Poderia ir mais longe n'este caminho, e descrever aos olhos pasmos do publico o *doloroso martyrio de um eminente homem de lettras no Brasil* no final do seculo XIX, no anno do centenario da grande *Revolução* que o poeta chamou—*a mãe dos povos*; mas a palavra *subscrição*, que acabaes de ler no trecho transcripto da carta de meu saudoso amigo, me lembra que devo entrar de uma vez no assumpto destas linhas.

O caso é este: o poeta e escriptor sergipano deixou a sua numerosa familia em completo estado de indigencia; amigos e discipulos, condoidos de tão penosa situação, como um preito á memoria do grande luctador, buscam atenuar, pelo menos, aquellas desagradaveis contingencias. Para isto promovem em Pernambuco, Bahia, Sergipe e outras provincias do norte a *acquisição de um pequeno peculio em favor da viuva e filhos de Tobias.*

N'este intuito dirigiram-se a mim, por telegramma, pedindo-me que iniciasse aqui identicas manifestações do generoso povo fluminense. Como amigo de todos os tempos do illustre morto, julgo que bem feita foi a escolha de meu nome; mas só n'este sentido; porquanto, no que diz res-

peito á influencia ante o publico fluminense, não poderia ser ella mais desastrada. Infelizmente não goso da necessaria popularidade para tão urgente e justissimo *desideratum.*

Por isso, ousei implorar o vosso concurso, a vossa iniciativa e a da imprensa d'esta capital em tão meritoria incumbencia.

Não se trata de mover o governo imperial a conceder uma pensão á familia de um homem do povo que escreveu o *Genio da Humanidade*, a *Vista do Recife*, a *Lenda Rustica*, os *Voluntarios Pernambucanos*, o *Beija-Flor*, a *Nova Intuição do Direito*, as *Notas sobre a evolução emocional e intellectual do homem*, o *Fundamento do direito de punir*, os *Menores e Loucos*, a *Prehistoria da litteratura classica alleman...* Isto seria inaudito n'um paiz de grandes politicos, onde as pensões ficam sómente para as filhas e viuvias de potentados que nadaram em ouro...

Não, não se trata d'isto.

Trata-se apenas de alguma subscrição publica, alguma *matinée*, algum espectáculo, qualquer cousa popular e plebéa, como foi o espirito que de entre nós desappareceu.

Mais nada.

Portanto, imploro o vosso apoio, o da imprensa, o dos homens de lettras, o dos artistas e especialmente o da mocidade das academias.

« *Estou reduzido ás proporções de pensionista da caridade publica...* » dizia-me, soluçava-me, como um dolorosissimo gemido, meu grande amigo, em sua ultima carta de 19 de junho d'este anno, seis dias antes de morrer!.. Possa essa *caridade do povo* não se desmentir, e sobre o seu tumulto reverter em beneficio de sua familia...

Saúda-vos, maestro, o vosso admirador

SYLVIO ROMÉRO.

Rio 16 de julho de 1889.

Ultimas publicações

HORAS ALEGRES, de Valentim Magalhães.
Rio, 1888, in-8° de 216-IV pp.

E' um volume de contos, folhetins e escriptos avulsos, todos ou quasi todos anteriormente publicados em varios periodicos brasileiros.

Contem: *O Imperio da lei, Agencia de sóvas, O paiz do café, Viagens maravilhosas, O enganado, Physiologia do bond, Mademoiselle Ouvidor, O pesadello do coronel Batalha, As aventuras do Souza, O estratagemma do Guedes, Credor vendido.*

As *Horas alegres* não vêm de certo augmentar os bons credits do escriptor fluminense: credits ora discutidos, e já assentados. Não vem tão pouco diminuir os, nem auctorisar a calumnia tola de que o elegante chronista esteja exausto e infecundo, ainda que taes escriptos não sejam mais do que reproducções.

Tenho, temos nós todos, motivos para acreditar que V. M. poderia escrever um livro novo, possante e original; simplesmente de quem tenha o direito de tal pensar eu exijo que aprenda o dever de verificar se temos editor que possa honrar a dolorosa profissão da Arte, onde a despeza nervosa do pensamento necessita os largos confortos do repouso.

Desde que a litteratura, entre nós, é um producto do *gancho*, incrustada como bellas orchideas no tronco vigoroso do *emprego serio*, não é fora de tempo educar a vista do leitor para a apreciação d'esse quadro da nossa economia intellectual.

O estado dos litteratos brasileiros é, na substancia, identico ao dos antigos vates portuguezes dos seculos passados que pediam gallinhas aos marquezes, atravez de endecassyllabos que mal disfarçavam adiado appetite de semanas. E se entre nós as cousas não apresentam o mesmo unico aspecto, a razão está em que o progresso da dignidade litteraria já se envergonha da esmola, ou talvez está em que já desapareceram os Mecenass e marquezes que abriam os gallinheiros à vorace intemperança de cytharistas e lettrados.

Em outro paiz, litteratos do vigor de Valentim poderiam ter as regalias mais fartas da profissão, sem o continuado sacrificio commum dos nossos homens de letras

que praticam a mais illegal, a mais horrificica de todas as accumulacões: a do lapis de duas pontas, uma para ter direito ao almoço e outra para ter direito á posteridade.

Nunca me foi possivel resignar-me com inteira complacencia ao genero litterario dos *contos*, hoje em moda em quasi todo o mundo. Prefiro o romance: estreitos moldes de conceito melhor me aprazem na poesia pelo seu character de delicadeza feminina; a prosa, para mim, reclama o sorvo longo do poema, o tardo resfolego da historia e do drama.

Por isso, minhas queixas de critica vão mais contra o genero litterario do que contra o livro do sympathico escriptor.

Um drama em dous minutos seria inverosimil: a imaginação precisa de tempo para elaborar a comprehensão dos characteres, e o *conto* propriamente só se justifica quando, a maneira de photographia instantanea, recebe na camara escura uma impressão fugitiva de relampago, uma sensação profunda ou superficial de dor ou de jovialidade.

Ajuntarei que as *Horas Alegres* estão isemptas de tal defeito, pois representam uma colleccão de caricaturas a poucos traços, a maneira dos pintores que só possuem a diffusa expressão do colorido. Mas nem sempre esta qualidade se sustem no verdadeiro nivel, e, pelo menos uma vez, descamba ao grotesco e trivial, como succede ao Dr. Uffnas *Viagens Maravilhosas*, cujo primeiro capitulo dá mais larga promessa do que a satisfação demonstra.

As *Horas Alegres* possuem um predico elemental de insuccesso nas livrarias e é a sua completa limpeza, o seu aceio preventivo contra a syphilis endemica no paiz do naturalismo. A syphilis é uma immanencia da America: descobriu-a já na osteite de um craneo prehistorico dos Pampas o eminente Broca. Um pouco de pimenta não faria mal ás *Horas Alegres* soadas a um povo cuja tradição de vida se resume na philosophia daquellas tres funcções que Bocage praticou sem ter dinheiro.

Nas sociedades decadentes, a alegria deixa de ser assucar para ser mostarda; a adolescencia esgota-se; a velhice prematura-se na estufa calida da voluptade. Um livro de 216 paginas, sem uma patifaria!

que bello pasto de traças ! que destinação infallível de embrulho de palitos !

Mas essa drenagem hygienicamente imposta a triste vida subterranea dos realistas, e que é para mim ainda o encantamento de alguns raros escriptores nossos não absolve as *Horas Alegres* da desigualdade de composição e de algumas fraquezas apenas desculpaveis no engenho fecundo e brilhante do escriptor fluminense.

Conhecemos de Valentim artigos avulsos, produções esparsas no quasi olvido das folhas periodicas, e que são de merito sobreestante em muito a quasi totalidade dos escriptos que constituem o livro que analysamos. Citemos, de memoria, um artigo de critica inoffensiva, da maior jocundidade, sobre as tendencias de não sei que litteratos que pretendiam voltar a ser *bestas* (1).

No genero, Valentim Magalhães escreveu livro de subido quilate, os *Vinte contos*; creio que essa obra teve edição restricta e antes conviria reproduzir-a augmentando-a que dar a lume as *Horas Alegres*, que em parte lhe são, sem sombra de duvida, inferiores.

Ha todavia nas *Horas Alegres* não poucas paginas interessantissimas, ditos de espirito, apraziveis paizagens vistas ligeiramente do alto, de desenho topographico exactissimo, em geral bem observadas scenas, algumas inverosimeis e todas bem articuladas o que parece indicar no autor uma das boas partes do dramaturgo.

Valentim Magalhães é, alem de tudo, escriptor correcto, sem affectação de purismo classico, urbano, quasi polido, tão grammatical quanto permite o não ser massudo, inchado e fastidioso.

Os seus peccados não vão alem de um ou outro gallicismo, ou de neologismo tentador, crimes que mais resultam da lesão organica da nossa educação litteraria toda moldada nas lettras francezas.

Para fazer-se nitida idéa do livro do elegante escriptor, aqui damos, em extracto, um trecho do conto *Aventuras do Souza*. É uma passagem bem escripta, cheia de verve, em estylo nervoso, de folego valente e sadio.

« Sob as arcadas, no quadrilatero que ladeava a grande área marmorea, passavam e passeavam os estudantes de varios annos, confusamente, braços dados, aos grupos, com grandes pernadas, sugando as pontas dos cigarros, occultas na concha das mãos.

Conversavam maroteiras, discutiam objecções, riam, decoravam textos, segredavam pilherias...

De quarto em quarto de hora, o capitão Firmino, o classico e estimado porteiro, ia á caixa do sino e fazia soar duas ou tres badaladas monotonas, fanhosas.

Abria-se então uma porta de impeto, e uma sala despejava sob as arcadas oitenta ou cem rapazes, enquanto outros se precipitavam para dentro de outra sala, atraz do lente, de béca sovada e compendio sob o braço.

Entre os calouros que, estremeendo assustadiços, esfregando as mãos, passeando nervosamente pelos lagedos, apparelhavam as armas á sabbatina, destacava-se o Souza, com seus gestos excessivos e parolar emphatico, repinicado de exclamativas. Corria de um braço a outro, impacientado, suplice, lastimoso :

— O' Mattoso, trouxeste a objecção? Ein? Trouxeste?

— Eu só tenho uma, filho. Se eu t'a der e forinos ambos chamados para arguentes, como ha de ser?

— Qual! Ha de se arranjar. Vamos lá.

— Mas, Souza, não ha mais tempo: faltam dez minutos apenas. A objecção é longa, tu não podes comprehendel-a em tão pouco tempo...

— Não faz mal; não faz mal. Vai dizendo isso; e, encostando-se á parede, puxava um dos punhos da camisa e preparava-se para tomar notas a lapis em cima delle. Vamos com isso.

O Mattoso, por velhaco, protelava o ponto objeccional, com grandes exordios metaphysicos, pretenciosos de erudição...

O Souza escutava em silencio, olhos dolorosos, beijo humido e cahido, physionomia contrahida em pungitivo desalento.

Não pescava patavina de todo aquelle aranzel — o pobre Souza !

(1) Art. publ. na *Tribuna Liberal*, ha tempos.

Mas por frente delle passava o Teixeira, com sua enorme caraça espinhosa e rubra, aberta continuamente por um sorriso largo — como um cardo bravo.

Então o Souza disparava para elle, deixando o Mattoso ás voltas com o seu discurso.

— O' filho, supplicava o Souza, dá-me pelo amor de Deus uma objecçãozinha. Não imaginas em que apertos estou! Não sei nada! Não sei nada! nada!

E aconchegava-se affectuosamente ao Teixeira, que, depois de fungar uma risadinha, accedia ainda uma vez áquelle pedido, não desmentindo assim a honrosa fama que gozava, de fornecedor geral de objecções. Tinha-as sempre em grande quantidade, e se muitas d'ellas não passavam de astuciosas nugas de argumentação, possuíam, comtudo, a preciosa qualidade de se poder dizer d'ellas: — antes isto do que nada.

— Olha, lengalengava o Teixeira, você aqui, a respeito da «coerção moral», póde perfeitamente levantar esta duvida: — Se um dos caracteres fundamentaes do dever juridico é...

E o Souza, olhos e bocca escancarados, sorvia soffregamente aquelle maná celestial, fazendo o outro repetir os argumentos, frisar as falhas da doutrina «da cadeira», etc.; até que havendo batido o *quarto* corria para a aula, satisfeitissimo.

Se acaso era chamado á bancada dos arguentes, himpava de orgulho, gesticulando de lá de cima aos collegas que estava seguro.

E, chegada a sua vez, despejava com bravura sobre o seu respectivo *defendente* a sua «pequena duvida», a qual desejava que o seu «illustrado collega» resolvesse. E, depois de haver declarado que, se elle «lhe elucidasse aquelle ponto erroneo da doutrina da Cadeira», se daria por «inteiramente satisfeito», entrava em materia, dizendo com affectado respeito: «Em uma de suas brilhantes prelecções, disse-nos a illustrada Cadeira que... etc» para gritar mais adeante, com espantoso *aplomb*: «Errou, portanto, a Cadeira, e a sua doutrina é completamente falsa» O lente que era um espirito originalissimo e extremamente jovial, ria-se como um perdido ao ouvir o Souza.

Longe de se zangar com essas e outras quichotadas dos seus discipulos, procurava fazer falar de preferencia os que eram mais ferteis em proudhommices e calinadas.

Uma vez, havia elle chamado á lição um dos estudantes mais vadios, embora mais talentoso do anno.

O rapaz, pillado quando menos esperava, e inteiramente a *quó* na materia da lição, deitou furibundo *bestialogico*, e, em falta de que dizer sobre ella, tratou de *encher linguaça*, muito serio — pois mais valia dizer asneiras do que — *dar tiro*. (*)

E então, para pompear copiosa illustração juridica, entrou a citar, a torto e a direito, os nomes que primeiro lhe vinham á mente: — os de personagens de um romance que então se publicava no *Correio Paulistano*.

« Como bem diz o illustre jurisconsulto *Petit-bois*, ou o famoso civilista francez *Duvinhac*... »

Ria-se o lente com visivel gosto deante de tão comico desplante, e, ao calar-se o discipulo, disse-lhe com bonhomia:

— Muito bem. Muito bem.

Mas á porta, acabada a aula, enquanto a sala se esvasiava, tomou o estudante por um braço, e disse-lhe em tom de risonha admoestação:

— Para outra vez, quando você tiver de citar nomes de *escriptores de Direito*, peço-lhe que os não escolha em romance que eu tenha lido.

Imagine-se o effeito destas palavras!

Não houve mais estudante que procurasse impingir-lhe heróes de Gaboriau e Montepin por «jurisconsultos illustres.»

Quando o Souza ia para *defendente*, a situação peiorava, porque, não sabendo elle qual fosse a «doutrina da Cadeira», não podia de modo nenhum defendel-a.

Tomava então o recurso de recusar systematicamente todas as asserções do arguente.

— Ora collega! A illustrada Cadeira não podia ter dito semelhante cousa! Isso é historia sua.

(*) Em gíria academica *encher linguaça* significa preencher o tempo com verbiagem simuladora de estudo, e *dar tiro* — não responder nada, ficar calado. (Nota de V. M.)

A's vezes, o lente intervinha, despejando no fogo das negativas a agua fria desta observação :

— Foi essa mesma a doutrina que sustentei.

Então o Souza mudava de tactica e dava por páus e por pedras, dizendo de minuto a minuto :

— Sua objecção não procede !

— Este raciocinio pecca pela base.

O que elle procurava, a todo custo, era não dar tiro.

Conseguia-o : — estava satisfeito.

Como era um rapaz intelligente e extremamente vivo, se com frequencia se dava ao desfructe, cahindo em pachuchadas e disparates, era, entretanto, rarissimo provocar a gargalhada dos collegas por actos ou phrases que o tornassem lastimavel.

Desastrado, espalha-brazas, cheio de estouvances e de ingenuidade — é o que era. Lembro-me bem do dia em que publicou o seu primeiro artigo.

Era uma tarde garoenta e melancolica.

Eu subia vagorosamente a rua de S. Bento, quando, proximo á ladeira de S. João, vi de longe um vulto de homem caminhando apressadamente em direcção ao lugar em que eu estava, e sacudindo na mão um papel amarrotado, como bandeira gloriosa.

Era o Souza.

Vinha tempestuoso ; esbarrou commigo sem parecer haver-me reconhecido.

— Que diabo é isto, Souza ? Aonde vaes com esse enthusiasmo ?

— Deixa-me, deixa-me !

E, apresentando-me, como um trophéo sagrado, o jornal que trazia na mão, que era o ultimo numero da *Republica*, murmurou com voz melliflua, tremelicada de commoção :

— Olha : o meu primeiro artigo ! O meu primeiro artigo !»

—

O resto encontra-se no livro ; adquira-o o leitor.

—

ARCHIVO CONTEMPORANEO, é o titulo de nova publicação quinzenal, bem impressa, da qual é proprietario e director o Sr. Cas-

tro Soromenho e redactor-chefe o Sr. Guimarães Passos.

Cumprimentamos o *Archivo* com sincera cordialidade, e apezar dos agouros da *Rua* e do Pedro Malazarte... Desejamos-lhe vida prospera e rota brilhante.

O *Archivo* apresenta-se resumidamente n'estes termos :

« E' preciso coragem... e linha, »

Se bem imaginamos o que seja a *linha* reclamada pelo *Archivo*, devemos dizer-lhe que está fóra da linha quando inclue um *Enigma* na secção — *Litteratura* — e ainda peiormente quando declama uma poesia lyrica na — *Sola do fumo* — o que é de muito mau gosto.

Fora da *linha* é a extravagante orthographia do periodico : *athomos*, *inpolucta*, *athmosphera*...

Fora da *linha*, os neologismos escurissimos : *nictalmicos*, *nublicos*, *dublicas*, *fuligenos*, *dulcidas*, *calembourgo*..

Fora da *linha*, versos como estes que vou transcrever em prosa : *Ai pobre branca lua o sol te illumina* (pretende fóros de alexandrino) *em ratalhos de dor, fragmentos de crença* (idem) *Quando vejo, a minha primavera* (endecassyllabo ?) *então é um iracundo* (?)...

Fora da *linha*, é de certo a grammatiquice ; *ferio-lhe* a attenção *as grandes empresas industriacs*... ; e mais : a victima continuava luctando e *intemerata* (quiz dizer : intrepida, corajosa)...

Iguaes ou quasi iguaes defeitos seria talvez possivel ou facil descobrir em congeneres revistas fluminenses ; mas de certo nunca n'aquellas que se preoccupam com estarem sempre na *linha*, impenitentes de todo o erro.

Nós, cá, somos uns peccadores confessos.

E' nossa opinião, pois, que o *Archivo* poderia apresentar-se mais modestamente, sem a *réclame* que se lhe deu, incompenzada pelo primeiro numero, que é fraco e incolor, e lhe alienou a benevolencia de nossos litteratos.

Os artigos do *Archivo* não são todavia, máos : ha *litteratura* peor que se vende largamente em nosso mercado. Ha pelo menos neste numero uma poesia boa (*Os destinos* onde aliás ha um máo verso) e uma *Chronica*, incompleta, porém de leitura assaz

agradavel. O conto *As folhas de rosas* começa deliciosamente, ainda que essa promessa não se realise de todo no correr da narrativa.

Se o *Archivo* conseguir rodeiar-se de bons escriptores, com um pouco menos de neologismos, e um pouco mais de *grammatica*, terá a carreira gloriosa que lhe desejamos e que de certo elle saberá encetar firme e resoluta, com a lição da experiencia. (1)

JOÃO RIBEIRO

Tobias Barreto

(O POETA)

As obras poeticas de Tobias Barreto não produziram grande enthusiasmo no sul, porque foram publicadas tardiamente.

Cotejadas com as de Varella, C. Alves, C. de Abreu, apparecem no seu verdadeiro fulgôr, com identicas incorrecções d'aquellas e com superioridades indiscutíveis.

O poeta sabia escrever versos, usava imagens bellissimas.

Dizia, v. gr. contra os invejosos e criticos:

D'essas pedras que me atiram
Hei de fazer um altar...

A poesia *Beija-flor* é toda um poema lyrico, dos melhores que ha na nossa lingua.

Como é simples e adoravel essa estrofe de uma sua poesia:

Mais duravel que um trophéu
Quizera ver-te a meu lado
Chegar anciosa e louca
E dai-me na tua bocca
Alguma cousa do céu.

E esses versos brancos:
Basto, abundante, pésa-lhe nos hombros
O macisso das tranças, balançadas,
Como torrentes que de um monte caem
Em suas ondas rolando arêas d'oiro.

(1) Não nos enganamos. Consta que o *Archivo* tem hoje um pessoal illustrado, que lhe ha'de render fortuna. Entre os collaboradores ha os nomes de Teixeira de Mello, Tancredo de Mello, Jansen do Paço, Zaluar e outros.

E o seu amor que o poeta compara, em uma de suas poesias, a uma vaga
... ditosa

De embalar uma lagrima d'anjo
No batel d'uma petala de rosa.

No estylo heroico, as imagens tem a grandeza epica do sublime:

E' o povo que pesa os seus guerreiros
Na balança em que Deus pésa as montanhas

Homens do céu !.....

Inda tendes nos pés ensanguentados
Agarradas as perolas do abysmo!

Desses heróes, foi que o poeta e ardente patriota falou em uma estrofe grandiosa que reproduzimos:

Bem como os rios valentes
Que arrojam-se alem da foz,
Distinctos, independentes
Das aguas do mar feroz,
Desses que a patria defendem
E aos sacrificios se rendem
Guardando os direitos seus,
O vulto impetuoso e forte
Avista-se alem da morte,
Não se confunde com Deus.

Não é isto uma bella imagem da posteridade, da vida d'alem-tumuto, na gloria!

Tobias Barreto foi incorrecto como os seus contemporaneos e se estes só se evidenciassem posthumos, não teriam melhores elogios da geração presente de poetas, tão cuidadosos da arte poetica, por um contra golpe do *parnasianismo* francez no ultimo decennio.

Imagine-se que publicassem agora os livros de Varella — e ver-se-hia a attitudo dos nossos criticos.

Myrtillus.

A fome espreita á porta do homem la borioso, porém não se atreve a entra r
lhe em casa.

FRANKLIN.

Os peores ladrões são os tolos porque nos roubam o nosso tempo e a nossa paciencia.

STERNE.

Rimas

Estes versos onde a rima
Está pepitando, a medo,
Como ave a cantar em cima
Do arvoredor,

Imaginei-os um dia
Não sei quando. (E nem se tracta
Quando se escreve poesia,
D'uma data.)

...

E' na verdade um tormento,
E para o qual ninguém olha,
Estar á mercê do vento,
E ser folha,

Que se desprende do galho
E perde esse amor profundo
Da patria, do sol, do orvalho
E do mundo.

Como é doce o captiveiro!
Como é suave uma algema!
Fica, ó sonho derradeiro,
Neste poema!

Canta! e dentro d'um *quartetto*,
Como se gaiola fôra,
Suspira um canto dilecto,
Ri-te, chora.

...

Eia, pois, contempla a calma
Da mulher idolatrada,
O corpo de joelhos, a alma
Ajoelhada;

Pois que inopinadamente;
Curvo-me onde quer que a veja.
Como quando passo em frente
D'uma igreja.

Tal essa luz que em caminho
Da vida envolve-me e que eu
Julgo bóveda de ninho,
Ou do céu.

Quero ver-lhe as formas quando
Vem ante mim, assombrado;
Clara a voz, o rosto brando
E maguado.

Vêr-lhe a bocca onde o rumor
(Como nas rosas) diviso
Do invisível beija-flor
Do sorriso.

Vêr-lhe a fronte onde eu sentia
O gelo que nella esteve,
Pois que tão branca e tão fria
Só a neve;

E a mão que em gentil desgarro
Sae de alvo brago... talvez
Lirio no boccal d'um jarro
Japonez.

Ver-lhe os cabellos chanfrando
A branca fronte sem véo,
Tal supponho a noite entrando
Pelo céu,

Se pode a noite funesta,
Rompendo a azulada umbella,
Passar através da fresta
D'uma estrella.

Neste mundo, quem me dera
Possuir esse ideal de amor!
Se canta - é ave. Se cheira,
- Uma flor.

Mas ave sem ter guarida,
E flor que não tem um ramo.
Minha vida, minha vida,
Como eu te amo!

Amal-a! e mais do que tudo
A adorar, prostrar-se ao vel-a
Deante d'ella, ficar mudo
Deante d'ella.

...

Sei que estes versos brunidos
Como insectos d'oiro vão
Buscar os pet'los ungidos
De alva mão,

Zumbir-lhe por entre os dedos
Nas roseas unhas, e voar
Com as azas dos meus segredos
Terra e mar.

Hão de chegar algum dia
Não sei quando, e nem se tracta
Quando se escreve poesia
D'uma data.

1886.

Flesh and soul

Que és um astro, supponho, que emigras,
Rolou do céu á terra ennegrecida;
Porque não tenho ainda me explicado
Como haja tanta aurora em tua vida.

Mal me achego de ti, minha querida,
Tu me illuminas d'esse amor sagrado.
Entra-me n'alma a dentro o sol doirado
Da tua voz magoada e dolorida.

Comtudo és mais que o sol que vai embora,
Quando a terra volita soluçante
Abrindo as azas pelo espaço a fora.

O contrario é contigo, ó minha amante!
Tu sempre me illuminas, a toda hora
Vivo voltado para o teu semblante.

1885.

DESEJO LOUCO

Não me digas, Alice, que desejas
Morrer agora ; que desejo é esse !
A todo o santo, a todas as egrejas
Eu encommendaria a minha prece.

Vá que palavra tal eu te dissesse
Pois que choro ao pensar que d'outrem sejas,
Porém dizel-o tu ? não ~~me~~ parece
Que todo o alcance d'essa dor prevejas.

Não ! tu não morrerás, ó minha Alice !
Quando a ventura, e o amor nos inebria,
Morrer, de todas, é a maior tolice.

Se alguém te ouviu essa palavra fria,
Diz que fui eu que n'um momento a disse,
Com medo acaso de deixar-te um dia.

1888.

Gavinhas

Antes de entrares, inda vens la fóra,
Ouço-te o riso no jardim cantando,
Tal se fosses um passaro, senhora.

Anda suspensa pelo ar sonora
A voz serena dos teus labios quando
Antes de entrares inda vens la fóra.

Ouço-te o riso no jardim cantando,
E corro alegre para abrir-te a porta
Beijos, abraços, logo imaginando.

Das tuas vozes esperando o bando
Que o curto espaço cristalino corta,
Ouço-te o riso no jardim cantando.

Tal se fosses um passaro, senhora,
Tua aza vibra esse poema infinto
Da aza suspensa pelo ar sonora.

Mas quando partes... desolada chora
Minh'alma ao ver-te pelo céu fugindo
Tal se fosses um passaro, senhora.

1888.

A lenda do sino

E ninguém se lembrou ! veja, dizia, veja
Em todo este sertão não ha nenhuma igreja !—
E o parochó a pensar dizia a sós consigo :
— As aves tem o céu, e a alma não tem abrigo !
E' necessario, pois, que demos um exemplo,
Vamos edificar n'essa montanha um templo.

Poucos mezes depois, sobre a montanha, a ermida
Branca e risonha alveja :

E todo o que sentisse atribulada a vida
E a sair contricto, era buscar a igreja.

A voz do sino enchia as solidões sombrias,
Ia cantando no ar, gemendo pelos prados...
De echo em echo passando ás longas freguezias

Aos domingos, a rir, dos morros enneoados
O bando de aldeões descia rumoroso,

Para ouvir a doutrina.
O sino es acordara ainda ha ponco, no pouso,
Vibrando a larga voz, sonora, matutina.

D'uma feita, porém o parochó soubera
Que uma tribu vivia á maneira de fera
Em brutal hediondez, sem fé, sem catechese.
Soube apenas, partiu. E disse ao povo :— Reze
Todo aquelle que aneia dilatar o céu.
Eu morrerei talvez—

O tempo decorreu.

Um dia o carrilhão vibrava e o bronzeo seio
Frechado pela dór rachou de meio a meio.

N'essa hora, na floresta, o apostolo, ferido,
Cahia soluçando um ultimo gemido.

1886.

Excavando Pompeia

Vamos ! a tarde cae. Balouça viridente
O viridario antigo e os trevos e o cytiso

Estrellejando o chão recordam vagamente
Da cynthia deusa a bocca aberta per um riso.

Repara bem, escuta... os cymbalos hiantes
Mais a cythara, o plectro e as trompas sonoras,

E as doces, immortaes avenas soluçantes,
Os sons que andam no ar cheirando como as rosas.

Da tibia á voz canora eu vejo pelos ares
As sylphides em choro o esparso crine atando,

Emquanto o abysmo ferve, emquanto pelos mares
A trireme rostrada as aguas vae cortando.

A casserola fuma : os satyros lascivos
Inclinam-se sensuaes ás fontes diamantinas,

Onde as nymphas estão, soprando pelos crivos
D'uma situla grega, as vozes peregrinas.

Ai ! é tão doce a voz, tão doce que o arvoredo
Retorce-se e soluça em meio da espessura...

E eu chego para ouvir, tão fugindo de medo
O atrio, mais o impluvio e a escadaria escura...

E canso de esperar ! e só de quando em quando
Passam deante de mim as sylphides voando.

1866.

DOR

Vinha passando a alegre e triumphal fileira
Da multidão de herões, da multidão guerreira
Que trazia os troféos recentes do combate...

As velhas cathedraes tocavam a rebate
E abriram nesse dia as gothicas vidraças.
O entusiasmo enchia as viellas, ruas, praças,
N'uma evpação febril, n'um movimento novo.

— Alas ! gritava o povo.

Nos altos coruchéos, ás portas e ás janellas,
Apinhavam-se as mães, as noivas, as donzellas
Arrepiadas de febre e de contentamento.

N'aquelle instante, ao vento
O estandarte fluctuou e parecia o braço
Da imarcessivel Gloria

*Braço que foi abrir as paginas da Historia !
 Passaram os heróes— os nossos vingadores—
 Dae-lhes a benção, mães ! Povo ! lançaes-lhes flores.
 Para vingar a patria aviltada, ultrajada,
 Elles foram soffrer, sem exigir-nos nada,
 Dispostos a cahir, porem cahir lutando
 Envoltos na bandeira.
 E o povo sorria quando
 Ia passando a alegre e triumphal fileira !*

*Mas ninguém reparou que ao resoar tamanhas
 Vozes, gritos ao ar do hymno aos estribilhos,
 No interior d'um lar uma mãe desgraçada,
 Pungida nas entranhas
 Succumbia chorando : Oh ! seja amaldiçoada
 A guerra que roubou a vida de meus filhos.*

1886.

MONGE

*E' forçoso que por um louco tomem
 Quem de perfeito juizo se mostrava ?
 Louco, dizieis vós ! mas onde estava
 A apreçoada loucura d'aquelle homem ?*

*Quem pôde ver as dores que se somem
 Dentro do peito e ver a ignota lava ?
 Loucos sois vós que as pustulas consomem,
 E tendes a alma das paixões escrava.*

*Louco talvez porque deixára o mundo
 Pelo abysmo do claustro horrído e fundo !
 Insensatos, sabei ! para alegria,*

*Unicamente basta a luz do dia,
 Mas a quem fere do infortunio o açoite
 Apenas um recurso existe—a noite.*

1888.

Da educação

QUAL É O SABER MAIS PROVEITOSO

(Continuação)

mittidas por hereditariedade; mas a maior parte das vezes encontram-se em absurdas practicas seguidas com as creanças. A responsabilidade de tanto soffrimento, fraqueza, abatimento, males, cabe em geral aos paes. Elles são incumbidos de regular, hora por hora, tudo que diz respeito á existencia dos seus descendentes. e por uma cruel leviandade despresaram o instruir-se nas leis de desenvolvimento vital que contrariam incessantemente com

as suas ordens e com as suas proibições. N'uma completa ignorancia das primeiras leis physiologicas minaram dia a dia a constituição dos seus filhos e antecipadamente infligiram a enfermidade, a morte prematura, não sómente aos seus proprios filhos, mas aos descendentes d'estes.

Os funestos effeitos da ignorancia apparecem-nos tão grandes na educação moral como na educação physica. Vêde a joven mãe em lucta com as primeiras difficuldades da educação. Ha apenas alguns annos esta juvenil mulher estava ainda nos bancos da escola, onde lhe sobrecarregavam a memoria com palavras, nomes, datas, sem exercitar por fórma alguma a faculdades da reflexão. Alli, não lhe ministraram a menor idéia da maneira de se assenhoriar d'esta com uma intelligencia infantil; e nada na sua educação a pôde tornar apta para conceber por ella propria os methodos que deverá empregar mais tarde. Os annos seguintes foram consagrados ao estudo da musica, ás obras de bordado, á leitura de romances e aos prazeres do mundo. Nunca attrahiram o seu pensamento para as graves responsabilidades que aguardam as futuras mães de familia; não lhe proporcionaram aquella solida cultura intellectual que a podia preparar para o desempenho d'estas responsabilidades. Vede-a agora na presença de um character que se desenvolve e cujo desenvolvimento lhe está confiado! Vede-a na sua ignorancia profunda dos phenomenos com que tem a haver-se, empreendendo realisar o que não seria executado e mesmo imperfeitamente pela sciencia a mais elevada! Ella não sabena da natureza das emoções, das diversas faculdades, das suas funcções. Ella crê que existem sentimentos absolutamente maus, o que não é verdade de sentimento algum; ella crê que existem sentimentos absolutamente bons, em qualquer grau a que as elevem, o que é ainda um erro. Não conhecendo o organismo que tem deante de si, ella não conhece melhor a influencia que pôde exercer sobre esse organismo este ou aquelle tractamento. Ha nada mais inevitavel do que os resultados desastrosos que todos os dias presenciemos? Ignorando, como ignora, os phenomenos mentaes, as suas causas e os seus effeitos, a sua intervenção é muitas vezes mais prejudicial do que o seria a sua abstenção absoluta.

Ella se oppõe a cada instante a esta ou áquella manifestação de actividade, ao mesmo tempo natural é benefica para a creança, prejudicando d'esta forma a sua felicidade, o seu futuro, estragando-lhe o character, como prejudica o seu proprio e alienando-lhe a sua affeição. Por motivos tirados do receio, do interesse e do orgulho ella o encaminha para as acções que julga util animar, importando-se pouco com o movel, com tanto que o acto exterior seja como ella o deseja, desenvolvendo assim a hypocrisia, o receio, o egoismo, em vez dos bons sentimentos. Prégando d'esta fórma a sua sinceridade dá á creança o exemplo da mentira, proferindo ameaças que não executa. Censura a colera e exaspera-se caprichosamente por cousas que o não merecem. Não duvida d'esta verdade que no *murser*y (1), como em qualquer outra parte, a unica disciplina salutar é a experiencia das consequencias, boas ou más, agradaveis ou penosas que decorrem naturalmente dos nossos actos. Destituída de toda a luz theorica, incapaz de seguir ella propria pela observação criteriosa do que se passa no espirito da creança, a joven mãe segue o impulso do momento; o seu governo cheio de inconsequencias, terminaria quasi sempre em resultados desastrosos, se a tendencia superior do joven espirito em revistir o typo moral da raça não ficasse moralmente victoriosa de todas as influencias secundarias.

E presentemente a educação intellectual não é acaso dirigida da mesma forma? Se concedeis que o espirito humano tem leis e que a evolução da intelligencia da creança lhe está submettida, segue-se que a educação não pode ser dirigida sem o conhecimento d'essas leis. Suppor que podeis regularisar a formação e a accumulção das ideias sem saber como é que essas ideias se formam, é um absurdo. Tal como é, quanto differirá o ensino do que devia ser, quando rarissimos paes e muito poucos professores existem que tenham a minima noção de psychologia! Como se deve portanto esperar, o systema estabelecido é gravemente defeituoso no fundo e na fórma. Emquanto se passam em silencio cousas essenciaes, impõem ao espirito o que lhe é prejudicial e impõem-lhe numa ordem mais prejudicial ainda. Sob o

(1) A *murser*y ou quarto da ama é a designação que dão os inglezes a parte do aposento especialmente reservado as creanças.

imperio d'esta acanhadissima ideia que faz com que se veja a educação toda completa no estudo dos livros, os paes mettem os abedarios nas mãos das creanças muitos annos antes de o deverem fazer. A' falta de reconhecer esta verdade, que o uso dos livros é suplementar, que estes são um meio indirecto de aprender quando o meio directo nos falta, um meio de ver pelos olhos dos outros quando não podemos ver pelos nossos proprios, os nossos educadores estão sempre promptos a apresentar-nos os factos em segunda mão, em vez de nol-os fazerem adquirir em primeira. A' falta de comprehenderem o immenso valor d'esta educação espontanea, que é o fructo dos nossos primeiros annos; á falta de ver que a observação incessante a que se entrega a creança, longe de ser desconhecida ou contrariada, deve ser cuidadosamente secundada e assim tornada exacta, completa o mais possivel, elles obstinam-se em encher-lhe os olhos e o espirito de ideias e cousas que, em qualquer epocha da vida são incompreensíveis e repugnantes. Possuidos da superstição que faz com que se adorem os symbolos da sciencia em vez da propria sciencia, não vêem que só quando esses objectos, encerrados em casa, na rua, no jardim, estiverem quasi extinctos é que convirá proporcionar o livro com fontes novas de informação á creança: e isto não sómente porque o conhecimento immediato é preferivel ao conhecimento mediato, mas tambem porque as palavras que contém os livros não podem fazer surgir ideias em proporção da experiencia adquirida pelas cousas. Notai em seguida que esta instrucção de formulas se enceta demasiado cedo e é dirigida sem respeito algum pelas leis do nosso desenvolvimento intellectual. O nosso espirito caminha necessariamente do concreto para o abstracto. Todavia estudos abstractos, como a grammatica, que só deviam ensinar mais tarde são ministrados no principio. A geographia politica, cousa morta e sem interesse para uma creança, que devia ser um appendice da sociologia, é ensinada muito cedo, enquanto que a geographia physica, cousa intellegivel e comparativamente agradável para a creança, é quasi que desprezada. Quasi todos os assumptos são tractados numa ordem anormal; as definições, as regras, os principios são enunciados em primeiro logar, em vez de serem desenvolvidos pouco a pouco no espirito,

como o deviam naturalmente ser pela observação dos casos particulares. Depois, em todas estas cousas, prevalece o vicioso systema que consiste em fazer decorar, que sacrifica o espirito á lettra. Entorpecem finalmente as percepções muito cedo pelo cuidado que tomam de contrariar a natureza e forçar a attenção do alumno a prender-se aos livros; lançam a confusão no seu espirito, querendo ali fazer penetrar cousas que não póde conceber e apresentando-lhe as generalisações antes dos factos; fazem do alumno um recipiente para as ideias dos outros, em vez de o tornarem um investigador activo de factos e ideias; cançam-lhe excessivamente o cerebro; e chega-se ao resultado de que muito poucas intelligencias produzem o que podiam dar. Logo que se passa nos exames, os livros são postos de parte. As noções adquiridas á falta de serem organisadas e coordenadas, perdem-se breve; e o que resta é quasi sempre no estado inerte, porque não se cultivou a arte de applicar os seus conhecimentos e não se desenvolveu no individuo o poder de observar com exactidão e pensar por si proprio. Accrescentae a isto que emquanto uma grande parte das cousas que se aprendem são relativamente de pouco valor, uma massa de conhecimentos soberanamente importantes que convinha adquirir é completamente despresada.

Os factos são taes que nós podiamos concluir *a priori*: a educação physica, moral, intellectual da infancia é terrivelmente defeituosa; e é em grande parte assim, porque os paes são estranhos á sciencia unica que os podia esclarecer nesta obra. Que se deve porém esperar quando se vê emprehender a solução d'um dos problemas mais complicados que existem para as pessoas que nunca pensaram em investigar os principios sobre que esta solução repousa? E' preciso um longo aprendizado para se chegar a fazer um sapato, a edificar uma casa, a fazer manobrar um navio e a dirigir uma locomotiva. Julga-se que o desenvolvimento corporeo e intellectual de um ser humano seja cousa comparativamente tão simples que o primeiro adventicio póde presidir a este facto sem estudo algum preparatorio? Se tal não succede, se concordarmos em que o processo d'este desenvolvimento é talvez o mais complexo que existe na natureza, e se o papel de o secundar é d'uma ex-

trema difficuldade, não é por ventura uma loucura o não preparar o homem para o desempenho d'este papel? Mais valeria sacrificar a aquisição dos talentos do que omittir esta preparação absolutamente necessaria...

D'esta forma nós vemos que para regularisar a actividade humana na terceira das suas grandes divisões a cousa essencial é um certo conhecimento das leis da vida. E' indispensavel conhecer os primeiros principios da physiologia, e as verdades elementares da psychologia, se se quizer educar convenientemente as creanças. Nós estamos antecipadamente certos de que muitos leitores acolherão com sorriso esta asserção. Exigir que os paes se applicuem ao estudo de assumptos tão obscuros parecerá á primeira vista absurdo. Certamente, se exigissem de todos os paes e mães conhecimentos aprofundados nestas materias, cahir-se-hia visivelmente no absurdo. Não é esta a nossa pretensão. Os principios geraes, acompanhados de alguns exemplos proprios esclarecer-lhes a intelligencia, serão o sufficiente e o ensino não será difficil. Alem disso como quer que seja eis os factos que são irrecusaveis: o desenvolvimento physico e intellectual das creanças está submettido a leis; se os paes se não conformam com essas leis, a morte é inevitavel; se não se conformam senão em certos limites resultam d'esta circumstancia serios defeitos corporaes e moraes; só no caso de se conformarem completamente com ellas é que as creanças chegam á virilidade completa. Julgae portanto se de todos os que forem um dia paes ou mães não devem ardentemente esforçar-se por conhecer estas leis.

Passemos da função paterna á função do cidadão. Temos que perguntar aqui quaes os conhecimentos que tornam um homem apto para desempenhar esta função. Não se póde dizer que na educação se omitta completamente o genero de instrucção que lhe diz respeito, porque os cursos dos collegios comprehendem certos estudos que tem ao menos de nome, certas relações com os deveres sociaes e politicos! Entre estes estudos, o unico a que se concede um lugar importante é a historia.

HERBERT SPENCER.

(Continua)

Bibliographia Brazileira

ANNO II — 15 DE JUNHO DE 1889 — BOLETIM XII

AVISO. — Pedimos aos Srs. editores do Brazil que nos enviem um exemplar de suas publicações (livros, musicas, mappas, photographias, litographias, etc.), com indicação do preço da venda. Esta indicação é importante para completar a noticia das publicações.

Catalogo alphabetico das publicações brazileiras

LIVROS

139—DECCIO VILLARES Discurso sobre a Epopéa Africana no Brazil, no dia 13 de Maio, ao inaugurar os trabalhos do seu quadro.—Rio de Janeiro?

140*—JOSÉ VERISSIMO — Estudos brazileiros.—Pará?

141*—PAULO DE CARVALHO (Dr. João) These de concurso ao lugar de professor da cadeira de physiologia theorica e experimental da faculdade de medicina do Rio de Janeiro apresentada pelo autor, adjunto á dita cadeira, que dissertou ácerca das *funções da glandula thyroide*.—Rio de Janeiro?

142 — PRIMEIRO CONGRESSO BRAZILEIRO de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1889 —8º com 312 pags.

143*—PROSPECTO da companhia Agricola Industrial foreira e constructora na estação do Recreio, municipio da Leopoldina, provincia de Minas.—Rio de Janeiro?

144*—REFORMA dos Estatutos do Banco de Credito Real do Brazil—Rio de Janeiro?

145.—RELATORIO e os estatutos do Congresso de Beneficencia e Instrucção antigo Operario de Beneficencia.—Rio de Janeiro?

146*—RELATORIO da Associação geral de auxilios mutuos da Estrada de ferro D. Pedro II apresentado á assembléa geral dos associados, no dia 28 de Fevereiro de 1889 pelo conselho administrativo.—Rio de Janeiro?

147*—RELATORIO sobre a epizootia em Campos?

148*—SILVA PONTES (Marciano da) Compendio de pedagogia, 4ª edição. — Rio de Janeiro?

149 — SOUZA MOREIRA (commendador João) Discurso pronunciado em assembléa geral, de 20 de Dezembro de 1888, da sociedade de seguros sobre a vida Caixa Geral das Familias. Rio de Janeiro?

—

Ultimas novidades recebidas pelo Centro

G. Wickham. Appareils de wickham pour le traitement des hernies, 1 vol. brochado \$

Louis de Séré. La virilité et l'age critique chez l'homme et chez la femme, 1 vol. brochado \$

Joannes Pallier. Des perifolliculites suppurées agminées en plaques, 1 vol. br. \$

J. M. Laroux. Du lavage de la vessie sans sonde a l'aide de la pression atmosphérique ses usages—son application au traitement des cystites. 1 vol. br. \$

LIVROS

A' VENDA NO CENTRO BIBLIOGRAPHICO

41 Rua Gonçalves Dias 41

- Cathecismo de agricultura*, por Cesar Burlamaqui, refundido pelo Dr. Nicoláo Joaquim Moreira 1\$000
- Noções de geologia, de physica, de chimica, de botanica e de physiologia vegetal applicada a agricultura*, por Marivault \$400
- Monographia do algodoeiro*, por Cesar Burlamaqui \$400
- Noticia sobre os mais recentes melhoramentos adoptados na lavoura de canna. e fabrico do assucar*, por Ferreira de Carvalho 1\$000
- Monographia da canna de assucar*, por Cesar Burlamaqui 1\$000
- Monographia do cafeseiro e do café*, por Cesar Burlamaqui \$400
- Memoria sobre a agricultura no Brazil*, por José Pereira Tavares 1\$000
- Manual do tratamento dos porcos*, por Joaquim Antonio de Azevedo \$400
- Ensaio sobre a regeneração das raças cavallares do Brazil*, por Cesar Burlamaqui \$600
- Le maté et les conserves de viande*, par le Dr. Louis Couty 1\$000
- Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza*, por Braz da Costa Rubim 1\$000
- Opusculo ácerca da origem da lingua portugueza*, por dous socios do Conservatorio Real de Lisboa \$400
- A consciencia dos seculos*, poema, por J. Leite de Vasconcellos \$400
- Viagem dos Imperadores do Brazil em Portugal* 1\$000
- O recurso de graça segundo a legislação brasileira*, pelo Dr. A. H. Souza Bandeira Filho 1\$000
- Dissertação sobre o actual governo da república do Paraguay* — por Corrêa do Couto \$500
- Considerações relativas ao beneplacito, e recurso á corôa em materias de culto pelo marquez de S. Vicente* \$500

Recorlações — fragmentos de um livro inédito, por W. Allen 1\$000

Guia theorica e pratica de escripturação commercial — ou a escripturação mercantil ao alcance de todos, por Ildefonso de S. Cunha 2\$000

Manual do escriptorio — ou nova guia pratica para se formular todos os papeis relativos ao expediente de casas commerciaes, por S. Cunha 2\$000

O estandarte auri-verde — por Fagundes Varella \$400

Breves esclarecimentos — sobre o Pará, por Pereira Cabral \$400

Misselanea poetica — ou collecção de poesias diversas de autores escolhidos 1\$000

Conferencias religiosas — recitadas em os domingos de quaresma pelo Dr. Motta Veiga. 1\$000

Guia do Rio de Janeiro — por A. L. Peccgueiro. \$100

D. Juanita — opera comica, por Eduardo Garrido. \$500

Heróe á força — opera comica, por Arthur Azevedo. \$500

Sinos de Corneville — opera comica, por Eduardo Garrido \$500

Sonhos d'Oiro — peça phantastica, por Eduardo Garrido \$500

Salteadores — opera comica, por Arthur Azevedo \$500

NA LIVRARIA

DO

CENTRO BIBLIOGRAPHICO

41 RUA GONÇALVES DIAS 41

O Centro Bibliographico faz
vantajosos abatimentos
aos livreiros.

LIVROS

Educação intellectual, moral e physica, por Herbert Spencer, 2ª edição illustrada com o retrato do auctor, 1 vol. 2\$500

Livro de consolação, romance por Camillo Castello Branco, 1 vol. 1\$000

Homens e datas, por Alberto Pimentel 1 vol. 1\$000

Duas mulheres, O habito e a recordação, por Adolpho Belot, 1 vol. 1\$000

O mal da Delfina, parodia á Delfina do mal, por Guilherme Braga, 1 vol. 1\$000

O poder do ouro, drama em 4 actos, por J. M. Dias Guimarães, 1 vol. 2\$000

Novo livro de synonymos portuguezes, por Jacob Bensabat, 1 vol. 2\$000

Lições d'analyse grammatical e logica, em prosa e verso, por Francisco José Monteiro Leite, 3ª edição melhorada \$600

Sillabario del primo semestre della prima classe elementare, per Brunori \$100

Arte de agradar. Estudos de hygiene, de gosto e toucador dedicados ás mulheres bonitas, por Ernesto Feydeau, 1 vol. \$500

Diccionario das flores, folhas e fructas ou manual dos namorados, seguido de uma linda collecção de poesias, recitativos, etc. 1 vol. \$500

Verdadeiro e unico livro de S. Cypriano, 1 vol. 1\$000

Poesias de Francisco Pires Zinão (obra completa) \$500

Nova Castro, tragedia por João Baptista Gomes \$200

Auto de Santo Antonio livrando seu pai do patibulo, por A. X. Ferreira de Azevedo \$200

Contos das Fadas, traducção do francez, 1 vol. \$300

A' venda no

CENTRO BIBLIOGRAPHICO

O Centro Bibliographico
Vulgarisador

Compra e vende livros raros e preciosos; restos de edições e edições inteiras; bibliothecas particulares e livrarias para liquidar.

Permuta obras estrangeiras e nacionaes, e serve de intermediario para com as livrarias das provincias e do estrangeiro.

Encarrega-se de liquidar por meio de vendas, leilões geraes e parciaes, livrarias, bibliothecas e edições. Organizando para isso catalogos e encarregando-se da sua publicação e vulgarisação.

Encarrega-se de mandar vir de qualquer mercado livros, mappas e estampas, raras, preciosas ou vulgares e de remetter para o interior.

Encarrega-se de publicações por conta dos autores, do governo geral ou provincial; da distribuição pela imprensa nacional e estrangeira, bem como da respectiva venda e propaganda.

A commissão depende da importancia do encargo e dos meios necessarios á sua realisação variando de 20 a 40 ./.